

## Reflexões sobre a Interdisciplinaridade em Livros Didáticos de História: um Olhar Sobre o Ensino do Regime Ditatorial Brasileiro

### Reflections about the Interdisciplarity in History Textbooks: a Look at Brazilian Ditatory Scheme Teaching

Alison Sullivan de Sousa Alves<sup>a</sup>; Francisco Vieira da Silva<sup>\*a</sup>

<sup>a</sup>Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino. RN, Brasil.

\*E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br.

---

#### Resumo

O conceito e a perspectiva de interdisciplinaridade em conteúdo dos livros didáticos de História nos levam a refletir acerca de como as disciplinas escolares se comunicam entre si no quesito interdisciplinar em suas práticas de ensino e aprendizagem. Desse modo, o objetivo desta pesquisa foi analisar alguns conceitos interdisciplinares para o ensino e a aprendizagem escolar. Para tanto, pretende-se comparar alguns conceitos de interdisciplinaridade e a sua aplicação em sala de aula a partir de propostas do livro didático de História no tocante ao Regime Militar Brasileiro. Assim, utilizaremos como referencial teórico Thiesen (2007) e suas proposições acerca da interdisciplinaridade como movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. Metodologicamente, trata-se de um estudo descritivo-interpretativo de natureza qualitativa. No que toca especificamente ao ensino de História, observamos que o tratamento dispensado ao regime ditatorial brasileiro poderia lançar mão de reflexões produzidas noutros campos do saber, como os estudos da ciência política e da sociologia. Assim, a temática em foco seria entrevista a partir de diferentes vieses, tornando o ensino de História produtivo e significativo. A quase inexistência da interdisciplinaridade na educação básica é fruto de uma lógica acadêmica pautada na tradição positivista que compartimentou o saber em disciplinas, especializando as ciências e, com isso, fragmentando o conhecimento.

**Palavras-chave:** Educação Básica. Aprendizagem. Autoritarismo.

#### Abstract

*The concept and perspective of interdisciplinarity in the content of History textbooks lead us to reflect on how school subjects relate to one another in the interdisciplinary aspect of their teaching and learning practices. Thus, the objective of this research is to analyze some interdisciplinary concepts for teaching and learning. Therefore, it is intended to compare some concepts of interdisciplinarity and its use in the classroom based on proposals taken from the History textbook content concerning to Brazilian Military Government. For this purpose, we will use as theoretical framework Thiesen (2007) and his propositions about interdisciplinarity. Methodologically, it is a descriptive-interpretative study of qualitative nature. With regard specifically to the teaching of history, we observed that the treatment of the Brazilian dictatorial regime could use reflections produced in other fields of knowledge, such as the studies of political science and sociology. Thus, the theme in focus would be interview from different biases, making the teaching of history productive and meaningful. The almost nonexistence of interdisciplinarity in basic education is the result of an academic logic based on the positivist tradition that compartmentalized knowledge in disciplines, specializing the sciences and, thus, fragmenting knowledge.*

**Keywords:** Basic Education. Learning. Authoritarianism.

---

#### 1 Introdução

A temática da interdisciplinaridade tem sido tratada como um tema imprescindível para o ensino da chamada pós-modernidade, na qual vivemos. Contudo, o estilo tradicional de educação, pautado a partir de uma lógica positivista que visa “fechar” os objetos de estudo, cada qual em sua área de saber científico e uma visão de mercado que exige mão de obra especializada para os diversos setores da economia, tem sido dois dos grandes obstáculos para uma formação discente na escola básica, em que o viés interdisciplinar esteja presente, não apenas como tema transversal, mas que faça parte do processo de ensino e aprendizagem do aluno.

O ensino sob essa perspectiva mostra-se inovador e visa colocar a educação em um nível capaz de contemplar as diversas áreas de saber em uma espécie de diálogo

epistemológico e que pode ser interdisciplinar na medida em que se discute o conhecimento e os grandes modelos de ciência, dentro de um processo pelo qual o método terá o papel de mediar os conceitos pesquisados em um movimento que os tornam compreensíveis pelo sujeito na realidade em que vive. Assim, a interdisciplinaridade pode ser analisada em termos práticos, no que diz respeito ao aporte pedagógico no currículo, ensino e aprendizagem escolar, de acordo com Thiesen (2007).

A educação não pode ser aplicada de modo distante da realidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem; logo, é preciso contextualizá-la a partir do lugar social do corpo discente e docente, da própria instituição e da comunidade escolar. Essa perspectiva exige, no mínimo, um olhar interdisciplinar por parte dos projetos pedagógicos

escolares, tendo em vista a complexidade da sociedade, imbricada em um mundo complexo, com informações de inúmeras áreas distintas do saber que circulam a todo instante, especialmente, na contemporaneidade em seu limiar tecnológico de mídias digitais que conectam o mundo inteiro em uma única rede de informações, a *internet*. De fato, é urgente que o ensino “abraçe” a interdisciplinaridade.

Segundo Thiesen (2007), a realidade é uma e é diversa e isso implica para o ensino delimitar os objetos de estudo demarcando seus campos ser fragmentar. Significa que, embora delimitado o problema a ser estudado, não podemos abandonar as múltiplas determinações e mediações históricas que o constituem. O autor destaca que a interdisciplinaridade não pode deixar de existir no processo de ensinar e aprender no contexto da educação contemporânea e, para tanto, é preciso articular as abordagens pedagógica e epistemológica com seus avanços, limitações, conflitos e consensos).

O desafio imposto à interdisciplinaridade é a superação de um ideário positivista que domina os currículos de educação que visa à fragmentação e à especialização do conhecimento, dentro de uma perspectiva em que os saberes se encontram compartimentados dentro de suas áreas específicas, a partir de disciplinas a serem estudadas ao longo da educação básica. Trata-se de um problema ainda maior quando se analisa a formação superior, cujo modelo se encontra pautado dentro da lógica positivista, na qual cada curso universitário se encontra fechado em seu “mundo”, sem diálogo com as outras áreas do saber. Assim, como pretender um ensino interdisciplinar na educação básica sem que os profissionais tenham recebido uma formação dentro de um programa que contemple a interdisciplinaridade como um tema imprescindível para a contemporaneidade?

Desse modo, o objetivo deste trabalho é analisar alguns vieses da interdisciplinaridade para o ensino e aprendizagem escolar. Dentro deste universo, trazemos para o debate o ensino de História a partir da temática em torno da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), por se tratar de um tema pertinente e atual, inclusive, objeto de disputas entre grupos que criticam ou elogiam o Regime Militar instalado no país por ocasião do golpe de Estado de 1964. Desse modo, objetivamos, a partir das discussões acerca da interdisciplinaridade, pensar o tratamento conferido ao ensino do regime ditatorial brasileiro num livro didático de História. Dessa feita, pautamo-nos em Carvalho (2018), para quem o ensino de História deve partir de pressupostos ancorados na ciência da História. Isso não significa, porém desconsiderar as contribuições de outros campos do saber. Pelo contrário, vale levar em conta que o conhecimento história repousa em diferentes fontes do saber.

## 2 Desenvolvimento

### 2.1 Metodologia

Do ponto de vista metodológico, este estudo enquadra-se num viés descritivo-interpretativo, já que buscamos

descrever/interpretar, sob o prisma da interdisciplinaridade, o ensino do regime ditatorial brasileiro num livro didático que faz parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), edição de 2017 do ensino fundamental. Este foi o critério de seleção do livro didático em questão, uma vez que, ao fazer parte da última edição do PNLD, o livro está sendo usado atualmente nas escolas. Ademais, por analisar o livro didático, reconhecemos este estudo como sendo documental, haja vista que o material ainda não passou por um tratamento analítico. O livro estudado faz parte da coleção *Mosaico*, organizada por Carlos Vicentino. Já o capítulo a ser analisado foi produzido por este último autor em parceria com José Bruno Vicentino.

### 2.2 Discussão

O livro didático tem sido o principal material utilizado pelos professores das diversas áreas do saber em seus planos de aula e propostas para o ensino. No entanto, sua leitura e utilização devem ser contextualizadas, problematizadas e atreladas a outros recursos didáticos. Dentro dessa perspectiva é “importante frisar que todo trabalho interdisciplinar depende dos sujeitos envolvidos – docentes e discentes – e das necessidades/interesses de cada grupo/escola” (CAVALCANTE; PINHO; ANDRADE, 2015, p.232). Tendo em vista a preocupação com o ensino de História, cabe salientar que...

É no campo das Ciências Humanas que a interdisciplinaridade aparece com maior força. A preocupação com a totalidade, com a dialogicidade das ciências, com a busca da relação entre o todo e as partes, foi objeto de estudo primeiramente na Filosofia, posteriormente nas Ciências Sociais, e mais recentemente da epistemologia pedagógica (THIESEN, 2007, p.90).

A discussão teórica em torno da interdisciplinaridade, contudo, precisa ser trazida para a realidade da prática docente em sala de aula e, neste caso, para o ensino de História. Como, ao analisar o tema “Ditadura Militar” no livro didático *Projeto Mosaico* se percebe essa preocupação com a totalidade e a dialogicidade das ciências, em busca de uma relação entre o todo e as partes? Buscar respostas para esta indagação é pertinente para que se perceba a aplicação ou não das teorias e conceitos interdisciplinares, pois, consoante lembra-nos Motta (2018, p.196), “saber por que agentes autoritários decidem golpear as instituições e instalar mecanismos ditatoriais tem importância significativa para quem aposta na democracia”.

Partindo das reflexões desenvolvidas por Pereira e Seffner (2018, p.15), segundo os quais “um dos modos de saber da produtividade do ensino de história é estabelecer conexões com outros campos de pesquisa e ensino e com estratégias diversas de aprendizagem”, lançamos o olhar analítico sobre um livro de História do ensino fundamental. Dessa maneira, faz-se necessário apresentar em linhas gerais a estrutura do livro didático escolhido para análise desta pesquisa, qual seja: *Projeto Mosaico* do 9º ano do Ensino Fundamental, anos finais de História, de autoria de Cláudio Vicentino e José

Bruno Vicentino (2015), utilizado na rede de ensino da cidade de Mossoró-RN. O material é dividido em módulos temáticos, subdivididos em capítulos e distribuídos em assuntos que visam abranger contextos históricos, em seus principais pontos da história do Brasil e do mundo. O tema sobre a Ditadura Militar encontra-se no módulo cinco intitulado de O mundo da Guerra Fria. Nele há dois capítulos: Guerra Fria: o mundo dividido e Brasil: da democracia à ditadura. É neste segundo capítulo que desenvolveremos nossa análise dentro de uma perspectiva interdisciplinar.

O tema Ditadura Militar é apresentado no livro didático dividido em duas partes: A democracia pós-Vargas (1946-1964), com um subtema intitulado de O golpe de 1964, enquanto que o segundo tem como título: Os anos de chumbo, como três partes, Cultura e política nos tempos da Ditadura; Aspectos econômicos e A participação popular no fim da Ditadura. Assim, no que diz respeito ao tema analisado neste trabalho, o assunto é abordado com pequenas sínteses, explicando os contextos político e econômico que provocaram a crise do governo Goulart no início da década de 1960, destituído pelos militares com o golpe de Estado de 31 de março de 1964. Nisto a abordagem segue com o relato do chamado “anos de chumbo”, termo utilizado para se referir ao período que o país foi governado pelo Regime Militar, trazendo breves relatos dos principais feitos de cada presidente militar e demonstrando o autoritarismo da Ditadura Militar até a reabertura democrática brasileira no governo de Figueiredo (1979-1985).

Ao final dessa explanação, o livro didático abre espaço para expor a cultura, a política e alguns aspectos econômicos do período militar. Nessa tiragem mostra que “a resistência à ditadura irradiou-se para diversos setores da sociedade brasileira, manifestando-se nos mais variados movimentos culturais, como no teatro, literatura e na música”, ainda que “nos governos militares, o Brasil alinhou-se completamente aos Estados Unidos e criou facilidades para a entrada do capital estrangeiro” (VICENTINO; VICENTINO, 2015, p.204), mas que na prática, de acordo com os referidos autores, aumentou a dívida externa e o empobrecimento da população. A seguir, o livro didático passa a mostrar algumas imagens das obras realizadas pelos governos militares e depois traz a canção “Maria, Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant (1978), para ilustrar, a luta das mulheres e do movimento feminista contra o Regime Militar.

Desse modo, o livro didático passa a abordar o tema da participação popular contra a Ditadura Militar, fazendo memória à morte do jornalista Vladimir Herzog, as greves metalúrgicas do ABC paulista, sob a liderança de Luiz Inácio da Silva (Lula) e o movimento das Diretas Já. Por fim, traz algumas tiragens em torno dos protestos realizados por meio da música popular brasileira, seguida de uma série de atividades, destacando-se uma pesquisa oral sugerida para ser realizada com os alunos, mostrando o passo a passo a ser aplicada junto às pessoas que viveram durante o Regime

Militar, visando resgatar a memória dos sujeitos em relação ao referido contexto histórico do Brasil. O livro apresenta como última atividade sobre o tema em análise, um estudo a partir de fontes históricas, no caso um artigo de revista, retratando o impacto negativo da Ditadura Militar para a educação.

O que se percebe é que o livro se apresenta como um recurso didático de ensino e aprendizagem norteador em torno da temática, inclusive, aberto para uma abordagem interdisciplinar, trazendo sugestões para o estudo da Ditadura Militar através da música, no contexto que trata da resistência popular contra o regime. Entretanto, não há uma perspectiva explícita dentro do tema que vise à análise da narrativa histórica por meio de disciplinas consideradas como a Sociologia cujos conceitos são pertinentes para um estudo do comportamento da sociedade brasileira que deu grande apoio ao golpe de 1964 ou a própria Economia para estudar os graves problemas econômicos do país na gestão do Presidente Goulart, dado a sua relevância para o aprofundamento da crise que conduziu à sua deposição.

Todo esse complexo movimento de crise social e econômica está inserido no recorte temático sugerido pelo módulo do livro didático em análise: o mundo da guerra fria. Dentro do contexto global de uma disputa ideológica e economicista, travada entre duas potências nucleares, os Estados Unidos e a lógica do capitalismo contra a União Soviética e seu regime comunista, temos o Brasil, um importante país da América Latina que acabara de viver a revolução cubana, trazendo para o território americano o comunismo soviético, fazendo o governo estadunidense ligar o sinal de alerta em relação ao continente das Américas.

Desse modo, o contexto da crise política, econômica e institucional que viveu o Brasil em meados da década de 1960 não está isolado dessa realidade global, mas inserido e recebendo influências externas, de setores da economia liberal capitalista e internas de grupos conservadores da sociedade brasileira que comungavam dessas mesmas ideias e tinham repulsa ao regime comunista. Embora as fontes históricas não confirmem a versão do discurso militarista que enaltece o golpe de 1964, chamando-o de ato revolucionário ou uma contrarrevolução, que defendeu o Brasil do perigo comunista que pairava a nação, inclusive com apoio do Executivo Federal, na pessoa do Presidente da República, João Goulart. Não se pode descartar as influências da ideologia soviética, pelo menos no imaginário dos enunciados proferidos contra o governo, especialmente, após o famoso comício da central do Brasil em 13 de março de 1964, no qual Jango anunciou as primeiras medidas da ampla reforma agrária que pretendia realizar, dentro de seu programa de governo que ficou conhecido como as Reformas de Base.

Como se observa na breve contextualização social, política e econômica que conduziu o país ao Regime Militar, encerrando sua recente experiência democrática, o tema em questão está imbricado em uma série de fatos e acontecimentos que fogem dos limites da historiografia e precisa ser analisado

a partir de um diálogo interdisciplinar que ponha em discussão conceitos da Sociologia, da Economia e da Ciência Política, principalmente, para que o estudo possa abarcar todo ou, ao menos, grande parte do complexo e diversificado contexto histórico da Ditadura Militar, instalada por ocasião do golpe de Estado de 31 de março de 1964. Assim, segundo Thiesen (2007), a escola, enquanto lugar legítimo de aprendizagem, produção e reconstrução do conhecimento, não pode permanecer isolada das transformações da ciência contemporânea. Pelo contrário, deve adotar e apoiar as exigências interdisciplinares que transversam à construção de novos saberes. Além disso, convém pensar, na esteira de Sá (2015), que a história se constrói num movimento contínuo de retorno de tornar presente o que cronologicamente se passou e isso nos levar a pensar que o fato histórico precisa ser visto sob as lentes de diversas disciplinas.

Desse modo, “a escola precisará acompanhar o ritmo das mudanças que se operam em todos os segmentos que compõem a sociedade. O mundo está cada vez mais interconectado, interdisciplinarizado e complexo” (THIESEN, 2007, p.95) e, neste universo, está o ensino de História, assim como todas as áreas do conhecimento humano, que precisam adotar um viés interdisciplinar em suas metodologias pedagógicas em prol de uma educação que atenda às demandas complexas do ensino e da aprendizagem da sociedade contemporânea. Apesar de o livro didático em estudo não trazer uma proposta interdisciplinar para o tema acerca da Ditadura Militar, o assunto pode ser tratado dentro dessa perspectiva, desde que o docente busque dialogar com outros saberes pertinentes para a temática e, com criatividade, consiga transformar a sala de aula em um “fórum” de debates em torno conteúdo, contextualizando-o com a realidade e, com isso, rompendo com a mera transmissão de informações de um passado frio e distante da vida dos sujeitos inseridos na sala de aula. Isso faz com que “se possa promover as mudanças para ampliar as condições de possibilidade de prolongar a vida útil da História no tempo, como área do conhecimento e disciplina escolar” (CAVALCANTI, 2018, p.264).

É evidente que seria muito mais interessante que as escolas tivessem um Projeto Político Pedagógico dentro de uma perspectiva interdisciplinar, pois, desse modo, orientaria todo o seu corpo docente e suas respectivas áreas de conhecimento para o enfoque da interdisciplinaridade, cuja “prática pedagógica implica em romper hábitos e acomodações, implica em buscar algo novo e desconhecido” (THIESEN, 2007, p.96). Trata-se de um desafio inevitável, tendo em vista que...

As aprendizagens mais necessárias para estudantes e educadores, nesse tempo de complexidade e da inteligência interdisciplinar, sejam as de integrar o que foi dicotomizado, religar o que foi desconectado, problematizar o que foi dogmatizado, e questionar o que foi imposto como verdade absoluta. Essas, possivelmente sejam as maiores tarefas da escola nesse movimento (THIESEN, 2007, p. 96).

Neste caso, se os cursos universitários não postulam uma formação com o caráter interdisciplinar, ainda resta para esses docentes buscarem uma formação autônoma que os tornem conscientes de seu papel mediador dos diversos saberes em torno de seu objeto de estudo específico, transformando suas aulas em um verdadeiro espaço de construção do saber, fazendo da aprendizagem “um fenômeno reconstrutivo e político, nunca apenas reprodutivo”, na qual a expressão da interdisciplinaridade esteja, de fato, caracterizada em seus dois movimentos dialéticos: “a problematização da situação, pela qual se desvela a realidade e a sistematização dos conhecimentos de forma integrada” (THIESEN, 2007, p.97).

### 3 Conclusão

A discussão acerca da interdisciplinaridade mostra-se pertinente e atual para o ensino e aprendizagem escolar da contemporaneidade e, embora seus conceitos teóricos destoem da aplicação prática na educação básica, a perspectiva interdisciplinar é uma realidade indispensável para a educação do futuro, na qual homens e mulheres questionam não apenas os modelos de ensino, mas o próprio conhecimento.

A quase inexistência da interdisciplinaridade na educação básica é fruto de uma lógica acadêmica pautada na tradição positivista que compartimentou o saber em disciplinas, especializando as ciências e, com isso, fragmentando o conhecimento. Assim, professores e professoras formados dentro da lógica disciplinar tendem a reproduzir a mesma didática em suas práticas docentes. No que toca especificamente ao ensino de História, observamos que o tratamento dispensado ao regime ditatorial brasileiro poderia lançar mão de reflexões produzidas noutros campos do saber, como os estudos da ciência política, da economia e da sociologia. Assim, a temática em foco seria entrevista a partir de diferentes vieses, tornando o ensino de História produtivo e significativo.

Portanto, é grande o desafio para uma educação interdisciplinar, tendo em vista o modelo tradicional vigente nos sistemas educacionais das diversas sociedades da humanidade. É, neste sentido, que as proposições destacadas neste texto reacendem as esperanças e indicam um caminho que visa à reconstrução do saber e uma mudança de paradigma, que leva a pensar a educação em seu sentido pleno e que seja capaz de colocar o ser humano em diálogo consigo mesmo, religando seu espírito, sua consciência ao todo do universo complexo do conhecimento.

Esses apontamentos mostram-se prodigiosos num contexto em que emerge com bastante vigor, nas redes sociais digitais, uma gama de discursos, corporificados principalmente em notícias falsas, acerca de diversas temáticas, dentre as quais situamos o regime ditatorial brasileiro. Assim, munir os discentes de conhecimentos que se fundamentam em estudos científicos, para que possam filtrar a enxurrada informacional presente na *web* é uma urgência. Educar para o futuro, portanto, implica pensarmos nas construções de verdades

acerca do passado no momento presente.

### Referências

- CAVALCANTE, M.S.D.; PINHO, M.J.; ANDRADE, K.S. Interdisciplinaridade e livro didático: interfaces (im)possíveis? *Rev. GELNE*, v.17, n.1/2, p.213-234, 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.21680/1517-7874>.
- CAVALCANTI, E.V. A história encastelada e o ensino encurralado: reflexões sobre a formação dos professores de história. *Educar Rev.*, v.34, n.72, p.249-267, 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.60111>.
- CARVALHO, A.P.R. Contribuições da educação histórica para a aprendizagem em História, *Hist. Ensino*, v.24, n.1, p.199-227, 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.5433/2238-3018>.
- LIMA, A.C.S.; AZEVEDO, C.B. A interdisciplinaridade no Brasil e o ensino de história: um diálogo possível. *Rev. Educ. Linguagem*, v.2, n.3, p.128-150, 2013.
- MORIN, E.; ALMEIDA, M.C.; CARVALHO, E.A. A propósito dos sete saberes. In.: MORIN, E. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2007, p.77-104.
- MOTTA, R.P.S. Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5, *Rev. Bras. História*, v.38, n.79, p.195-216, 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9347>.
- PEREIRA, N.M.; SEFFNER, F. Ensino de história: passados vivos e educação em questões sensíveis, *Rev. Hist. Hoje*, v.7, n.13, p.14-33, 2018. doi: <https://doi.org/10.20949>.
- SÁ, I. *Memória discursiva da ditadura no século XXI: visibilidades e opacidades democráticas*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2015.
- THIESEN, J.S. A interdisciplinaridade como um movimento de articulação no processo ensino-aprendizagem. *PerCursos*, v.8, n.1, p.87-102, 2007.
- VICENTINO, C.; VICENTINO, J.B. Brasil: da democracia à ditadura. In: VICENTINO, C. (Org.). *Projeto Mosaico*. São Paulo: Saraiva, 2015, p.196-219.